

Materializações de Jesus e Outros Espíritos Guias

Tema Principal – Ensinaamentos de Jesus

I- Introdução

O Instrutor Espiritual Gúbio, faz uma dura afirmativa: As mentes infantis e pueris dos Encarnados, nubladas pelas diferentes Teologias construídas por mãos humanas, não visualizam e não conseguem entender as realidades Espirituais existentes nas várias Esferas da Terra.

Na prática, esta afirmação, significa que o Homem não consegue visualizar as realidades do Mundo Espiritual, inclusive as que dizem respeito aos Espíritos e ao seu Processo de Evolução, assim como os vários Corpos existentes entre o Eu (Essência Espiritual de Natureza Divina) e o Corpo Físico.

No Livro “Gênese- Cap.XI, Item 17- Encarnação dos Espíritos”: O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o Corpo Físico na Reencarnação. Pela sua Essência Espiritual Divina, o Espírito é um Ser Indefinido, Abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um “Intermediário”, que é o Envoltório Fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É Semi- Material esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à Espiritualidade pela sua Natureza Etérea. Como toda matéria, ele é extraído do Fluido Cósmico Universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse Envoltório, denominado Perispírito, faz de um Ser Abstrato, do Espírito, um Ser Concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme ocorre com todos os fluidos imponderáveis.

O Perispírito na realidade é constituído por cinco Corpos Espirituais que são denominados de: Corpo Etérico, Corpo Astral, Corpo Mental Inferior, Corpo Mental Superior e Corpo Búdico.

Os cinco Corpos Perispíricos e o Corpo Carnal têm origem no mesmo elemento primitivo, que é o Fluido Cósmico Universal. Estes “Seis Corpos” são Matéria, ainda que em estados diferentes. O Corpo Átmico, que é o Sétimo Corpo, representa a Essência Divina ou a Essência do Espírito, criado por Deus, como “Simples e Ignorante”.

O Perispírito é formado com o Fluido Cósmico Condensado presente em um dado Orbe. Portanto, ao trocar de Mundo, o Perispírito automaticamente é trocado e se inicia um novo Ciclo Evolutivo para o Espírito. A medida que o Espírito se purifica o seu Corpo Espiritual se aproxima mais da natureza “Fluídica Espiritual”.

Neste Artigo são relatados diversos casos de Materialização de Jesus, o Espírito mais Puro existente no Planeta Terra e que é o seu Governador Planetário, tanto para os seus Apóstolos, quanto para o Rabino Nicodemos e para o Profeta Jonas, assim como para “Os Quinhentos da Galileia”.

Também são apresentados “Outros Casos de Materialização”, inclusive no próprio Mundo Espiritual (vide Anexo II), além de Trechos de uma Entrevista com Pai João de Angola sobre a Transferência de Espíritos Elevados para Outros Orbes Planetários.

Em todos os Casos de Materialização os Espíritos se materializam através do Corpo Astral, ou através de um “Casão Astral” para aqueles que já perderam a Forma Humana. A Materialização de Espíritos era comum nos Templos Religiosos da Antiga Grécia e do Antigo Egito (vide Anexo I).

II- Alguns Dados Sobre Jesus

★ O Messias de Nazaré - Cap.5 , Livro” Há Dois Mil Anos-Emmanuel e Chico Xavier – FEB – 2009”

Diálogo com o Senador Públio Lentulus ➔ Pastor das Almas Humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do Reino de Deus e de sua Justiça.

★ Cap.1 - Fluido Cósmico – Livro “Evolução em Dois Mundos- André Luiz e Chico Xavier- FEB 1958

Existem Espíritos Puros, agregadas ao Senhor Supremo (Deus), transformando o Fluido Cósmico (Plasma Divino) em habitações cósmicas de múltiplas expressões ➔ A Criação dos Mundos Físicos e as respectivas Esferas Espirituais, são criados por estes “Messias”, que agem conforme a determinação do Pai Altíssimo.

★ Operam em processo de Co-Criação de acordo com os desígnios do Todo-Poderoso (Deus), que faz deles Agentes orientadores da Criação Excelsa ➔ Estes Espíritos são conhecidos na Tradição do Povo Hebreu como os Messias ➔ Jesus é portanto um destes Messias, que criou a Terra e tem outros Orbes sob a sua direção (João 10:16).

★ Espíritos Lacordaire na “Revista Espírita de 1862” e São Luiz na “Revista Espírita de 1868”

Ambos falam que ao lado de Deus estão Espíritos Puros, chegados ao maior nível possível da Hierarquia Celeste e que fazem parte do Conselho do Altíssimo. Estes Espíritos quando enviados em Missões Específicas não falham jamais → Jesus é, portanto, um destes Espíritos e, conseqüentemente, é o Espírito de maior hierarquia no Planeta Terra;

★ Reuniões dos Messias- Cap.1- A Gênese Planetária e Cap.24- O Espiritismo e as Grandes Transições, “Livro “ A Caminho da Luz- Emmanuel e Chico Xavier- FEB 1939”

- A Comunidade dos Messias, que dirige as rédeas diretoras da vida de todas as Coletividades Planetárias, já se reuniu duas vezes no Sistema Solar: A primeira por ocasião da formação da Terra e a segunda para a vinda de Jesus ao Planeta Terra → Jesus pertence a esta Comunidade de Espíritos Puros;
- A terceira reunião ocorrerá por ocasião da Transição da Terra para Planeta de Regeneração → vide Mateus-24:1 a 31 e Lucas- 21:5 a 28- Grandes Tribulações; Comparar com Isaías 13:10- Migração para outros Mundos → ver também Lucas 17:20 a 37 – A Vinda do Reino.

★ Alexandre, Mentor de André Luiz, sobre o Espírito da Verdade- Cap.9, Livro “Missionário da Luz- André Luiz e Chico Xavier, FEB 1945”

Jesus nos afirma: Eu sou a “Porta”se alguém entrar por mim será salvo e entrará, sairá e achará verdes pastagens. Por que a audácia incompreensível de imaginar a realização sublime sem vos afeiçoardes ao “Espírito da Verdade, que é o nosso Divino Mestre Jesus”. Irmãos, se vos dispondes ao Serviço Divino, não há outro caminho senão através dele, que detém a infinita luz da verdade e a fonte inesgotável da vida → Portanto o Mentor Alexandre define claramente que o Espírito da Verdade é o próprio Divino Mestre Jesus.

★ Caboclo Sete Espadas de Ogum sobre o Orixá Oxalá, Cap.9 e Cap.10, Livro “Umbanda, A Protossíntese Cósmica- F.Rivas Neto, Editora Pensamento- Cultrix- 1989”:

- O Orixá Oxalá é o nosso Divino Mestre Jesus → Portanto o Caboclo Sete Espadas de Ogum trata Oxalá como uma Divindade, que é o Divino Mestre, e não como uma Energia.
- “Eu Não Vim Destruir a Lei e sim cumpri-la”. Deste modo Pai Oxalá, o Cristo Jesus, afirma que de há muito envia seus Espíritos Prepostos para orientar os Grandes Missionários como Moisés, Buda, Confúncio, Kardec e outros.

★ Alexandre Cumino- Livro “Orixás na Umbanda, Editora Madras, 2018”:

Na Umbanda, segundo Pai Benedito de Aruanda, Oxalá é a Divindade que está assentada no Pólo Positivo ou Irradiante do Trono da Fé, cuja Essência é Cristalina. Pai Oxalá é o Orixá masculino do Trono da Fé, Regente da primeira Linha de Umbanda (Linha da Fé) → Portanto Pai Benedito de Aruanda trata Oxalá como uma Divindade, ou Espírito muito elevado, e não como uma Energia.

III- Materializações de Jesus para o Apóstolo dos Gentios, Paulo de Tarso

III.1- Materialização de Jesus no Caminho de Damasco

Devia ser meio-dia. Muito distante ainda, a paisagem de Damasco apresentava os seus contornos: Pomares espessos, cúpulas cinzentas que se esboçavam ao longe. Bem montado, evidenciando o aprumo de um homem habituado aos prazeres do esporte, Saulo ia à frente, em atitude dominadora. Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sente-se envolvido por Luzes diferentes da Tonalidade Solar. Tem a impressão de que o “ar se fende como uma cortina”, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, apesar da possibilidade de suplicar o auxílio. Jacob!... Demétrio!... Socorram-me!... grita desesperadamente. Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilíbrio e tomba do animal, ao desamparo, sobre a areia ardente.

A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra Luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho, que a “atmosfera rasgada” lhe desvenda, vê surgir a figura de um Homem de majestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do Céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros,

à nazarena, os olhos magnéticos, imanados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava uma divina tristeza.

O Doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo, e foi quando, numa inflexão de voz inesquecível, o desconhecido se fez ouvir: Saulo!... Saulo!... por que me persegues? O moço Tarsense não sabia que estava instintivamente de joelhos. Sem poder definir o que se passava, comprimiu o coração numa atitude desesperada.

Incoercível sentimento de veneração apossou-se inteiramente dele. Que significava aquilo? De quem o Vulto Divino que entrevia no “Painel do Firmamento Aberto” e cuja presença lhe inundava o coração precípito de emoções desconhecidas? Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvirem nem verem, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande Luz, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa: Quem sois vós, Senhor? Aureolado de uma Luz Balsâmica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu: Eu sou Jesus!...

Então, viu-se o orgulhoso e inflexível Doutor da Lei curvar-se para o solo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado Rabino de Jerusalém fora ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os Princípios que lhe conformaram o Espírito e o nortearam, até então, na vida. Diante dos olhos tinha, agora, e assim, aquele Cristo Magnânimo e Incompreendido! Os Pregadores do “Caminho” não estavam iludidos! A palavra de Estevão era a verdade pura! A crença de Abigail era a senda real. Aquele era o Messias! A história maravilhosa da sua Ressurreição não era um recurso lendário para fortificar as energias do povo. Sim, ele, Saulo, via-o ali no esplendor de suas Glórias Divinas! E que Amor deveria animar-lhe o coração cheio de augusta misericórdia, para vir encontrá-lo nas estradas desertas, a ele, Saulo, que se arvorara em perseguidor implacável dos Discípulos mais Fiéis! Na expressão de sinceridade da sua Alma ardente, considerou tudo isso na fugacidade de um minuto.

Experimentou invencível vergonha do seu passado cruel. Uma torrente de lágrimas impetuosas lavava-lhe o coração. Quis falar, penitenciar-se, clamar suas infindas decepções, prometer fidelidade e dedicação ao Messias de Nazaré, mas a contrição sincera do Espírito arrependido e dilacerado embargava-lhe a voz.

Foi quando notou que Jesus se aproximava e, contemplando-o carinhosamente, o Mestre tocou-lhe os ombros com ternura, dizendo com inflexão paternal: Não recalcitres contra os agulhões!... Saulo compreendeu. Desde o primeiro encontro com Estevão, forças profundas o compeliavam a cada momento, e em qualquer parte, à meditação dos Novos Ensinamentos. O Cristo chamara-o por todos os meios e de todos os modos. Sem que pudesse entender a grandeza divina daquele instante, os companheiros de viagem viram-no chorar mais copiosamente. O moço de Tarso soluçava. Ante a expressão doce e persuasiva do Messias Nazareno, considerava o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos. Doravante necessitava reformar o patrimônio dos pensamentos mais íntimos; a Visão de Jesus ressuscitado, aos seus olhos mortais, renovava-lhe integralmente as suas Concepções Religiosas. Certo, o Salvador apiedara-se do seu coração leal e sincero, consagrado ao Serviço da Lei, e descera da sua glória estendendo-lhe as mãos divinas. Ele, Saulo, era a “Ovelha Perdida” no resvaladouro das “Teorias Escaldantes e Destruidoras”. Jesus era o Pastor amigo que se dignava fechar os olhos para os espinheiros ingratos, a fim de salvá-lo carinhosamente. Num ápice, o jovem Rabino considerou a extensão daquele gesto de amor. As lágrimas brotaram-lhe do coração amargurado, como a linfa pura, de uma fonte desconhecida. Ali mesmo, no santuário augusto do Espírito, fez a “Promessa” de entregar-se a Jesus para sempre. Recordou, de súbito, as provações rígidas e dolorosas. A ideia de um Lar morrera com sua noiva, Abigail, que tinha desencarnado. Sentia-se só e acabrunhado. Doravante, porém, entregar-se-ia ao Cristo, como simples escravo do seu Amor. E tudo envidaria para provar-lhe que sabia compreender o seu sacrifício, amparando-o na senda escura das iniquidades humanas, naquele instante decisivo do seu destino. Banhado em pranto, como nunca lhe acontecera na vida, fez, ali mesmo, sob o olhar assombrado dos companheiros e ao calor escaldante do meio-dia, a sua Primeira Profissão de Fé. Senhor, que quereis que eu faça? Aquela Alma resoluta, mesmo no transe de uma capitulação incondicional, humilhada e ferida em seus princípios mais estimáveis, dava mostras de sua nobreza e lealdade, transformando-se integralmente em um Novo Homem. Encontrando a revelação maior, em face do Amor que Jesus lhe demonstrava solícito, Saulo de Tarso não escolhe tarefas para servi-lo, na renovação de seus esforços de Homem. Entregando-se-lhe de Alma e Corpo, como se fora ínfimo Servo, interroga com humildade o que desejava o Mestre da sua cooperação. Foi aí que Jesus, contemplando-o mais amorosamente e dando-lhe a entender a necessidade de os Homens se harmonizarem no trabalho comum da edificação de todos, no Amor Universal, em seu nome, esclareceu genero-

samente: Levanta-te, Saulo! Entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer!.....

Então, o moço Tarsense não mais percebeu o vulto amorável, guardando a impressão de estar mergulhado num mar de sombras. Prostrado, continuava chorando, causando piedade aos companheiros. Esfregou os olhos como se desejasse rasgar o véu que lhe obscurecia a vista mas só conseguia tatear no seio das trevas densas.

III.2- Materialização de Jesus na Igreja de Corinto

A Igreja de Corinto começou, então, a produzir os frutos mais ricos de Espiritualidade. A cidade era famosa por sua devassidão, mas o Apóstolo costumava dizer que dos pântanos nasciam, muitas vezes, os lírios mais belos; e como onde há muito pecado há muito remorso e sofrimento, em identidade de circunstâncias, a Comunidade cresceu, dia a dia, reunindo os crentes mais diversos, que chegavam ansiosos por abandonar aquela Babilônia incendiada pelos vícios.

Com a presença de Paulo, a Igreja de Corinto adquiria singular importância e quase diariamente chegavam emissários das regiões mais afastadas. Eram portadores da Galácia a pedirem providências para as Igrejas de Pisídia; companheiros de Icônio, de Listra, de Tessalônica, de Chipre, de Jerusalém, Em torno do Apóstolo formou-se um pequeno Colégio de seguidores, de companheiros permanentes, que com ele cooperavam nos mínimos trabalhos. Paulo, entretanto, preocupava-se intensamente. Os assuntos eram urgentes quão variados. Não podia olvidar o trabalho de sua manutenção; assumira compromissos pesados com os irmãos de Corinto; devia estar atento à coleta destinada a Jerusalém; não podia desprezar as Comunidades anteriormente fundadas. Aos poucos, compreendeu que não bastava enviar Emissários. Os pedidos choviam de todos os sítios por onde perambulava, levando as alvíssaras da Boa Nova. Os Irmãos, carinhosos e confiantes, contavam com a sua sinceridade e dedicação, compelindo-o a lutar intensamente.

Sentindo-se incapaz de atender a todas as necessidades ao mesmo tempo, o abnegado Discípulo do Evangelho, valendo-se, um dia, do silêncio da noite, quando a Igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertência serena e carinhosa: Não temas, dizia a voz, prossegue ensinando a Verdade e não te cales, porque estou contigo.

O Apóstolo deu curso às lágrimas que lhe fluíam do coração. Aquele cuidado amoroso de Jesus, aquela exortação em resposta ao seu apelo, penetravam-lhe a Alma em ondas cariciosas. A alegria do momento dava para compensar todas as dores e padecimentos do caminho. Desejoso de aproveitar a sagrada inspiração do momento que fugia, pensou nas dificuldades para atender às várias Igrejas Fraternas.

Tanto bastou para que a voz dulcíssima continuasse: Não te atormentes com as necessidades do serviço. É natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo. Mas é possível a todos satisfazeres, simultaneamente, pelos Poderes do Espírito. Procurou atinar com o sentido justo da frase, mas teve dificuldade íntima de o conseguir. Entretanto, a voz prosseguia com brandura: Poderás resolver o problema escrevendo a todos os Irmãos em meu Nome; os de Boa-vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do Missionário, mas no Conteúdo Espiritual do seu Verbo, da sua Exemplificação e da sua Vida. Doravante, Estevão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te “Meus Pensamentos”, e o Trabalho de Evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo. O dedicado Amigo dos Gentios viu que a Luz se extinguiu; o silêncio voltara a reinar entre as paredes singelas da igreja de Corinto; mas, como se houvera sorvido a água divina das claridades eternas, conservava o Espírito mergulhado em júbilo intraduzível. Recomeçaria o labor com mais afinco, mandaria às comunidades mais distantes as notícias do Cristo. De fato, logo no dia seguinte, chegaram portadores de Tessalônica com notícias desagradabilíssimas. Os judeus haviam conseguido despertar, na igreja, novas e estranhas dúvidas e contendas. Timóteo corroborava com observações pesadas. Reclamavam a presença do Apóstolo com urgência, mas este deliberou pôr em prática o alvitre do Mestre, e recordando que Jesus lhe prometera associar Estevão à divina tarefa, julgou não dever atuar por si só e chamou Timóteo e Silas para redigir a primeira de suas famosas Epístolas. Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência Espiritual provinha da Esfera do Cristo, através da contribuição amorosa de Estevão, companheiro abnegado e fiel daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo.

Percebendo o elevado Espírito de Cooperação de todas as Obras Divinas, Paulo de Tarso nunca procurava escrever só; buscava cercar-se, no momento, dos companheiros mais dignos, socorria-se de suas inspirações, consciente de que o Mensageiro de Jesus, quando não encontrasse no seu tono sentimental as possibilidades precisas para transmitir os desejos do Senhor, teria nos amigos instrumentos adequados.

Desde então, as Cartas amadas e célebres, tesouro de vibrações de um Mundo Superior, eram copiadas e sentidas em toda parte. E Paulo continuou a escrever sempre, ignorando, contudo, que aqueles documentos sublimes, escritos muitas vezes em hora de angústias extremas, não se destinavam a uma Igreja Particular, mas à Cristandade Universal. As Epístolas lograram êxito rápido. Os irmãos as disputavam nos rincões mais humildes, por seu “Conteúdo de Consolações”, e o próprio Simão Pedro, recebendo as primeiras cópias, em Jerusalém, reuniu a Comunidade e, lendo-as, comovido, declarou que as cartas do convertido de Damasco deviam ser interpretadas como Cartas do Cristo aos Discípulos e Seguidores, afirmando, ainda, que elas assinalavam um novo período luminoso na história do Evangelho.

Fonte:

Paulo e Estevão – Emmanuel e Chico Xavier, FEB, 1941.

IV- Materializações de Jesus para o Apóstolo Pedro

IV.1- Caso I

Contou-nos um Amigo Espiritual que, logo após a Ressurreição do Cristo, houve grande movimentação popular em Jerusalém. O fato corria de boca em boca. Sacerdotes e patriarcas, negociantes e pastores, sapateiros e tece-lões discutiam o acontecimento.

Em algumas Sinagogas, fizeram-se ouvir inflamados Oradores, denunciando a “Invasão Galiléia”. Imaginem, exclamava um deles da Tribuna, diante das Tábuas da Lei, imaginem que a mulher (Maria Madalena) mais importante do Grupo, a que se encarregou da chamada “Mensagem de Ressurreição”, é uma criatura que já foi possuída por Sete Demônios (Espíritos Obsessores). Em Magdala, todos a conhecem. Seu nome rasteja no chão. Como aceitar um acontecimento Espiritual, através de pessoa desse jaez? Os Galileus são velhacos e impostores.

Os Discípulos, para receberem as Visitas Espirituais do Mestre, Materializado, e anotar-lhes as sugestões, reuniam-se, secretamente, a portas fechadas. Por vezes, escutavam as chufas e zombarias que vinham de fora; de outras, percebiam o apedrejamento do telhado, circunstâncias que os obrigaram a continuadas modificações. Não fixavam o ponto de serviço. Ora encontravam-se em casa de parentes de Filipe, ora agrupavam-se na choupana de uma velha tia de Zebedeu, o pai de João e Tiago.

Simão Pedro e os demais voltaram à Galileia, para “vender o campo e seguir o Mestre”, como diziam na intimidade. Estavam tocados de fervor santo. A Ressurreição enchera-lhes a Alma de energias sublimes e até então desconhecidas. Que não fariam pelo Mestre ressuscitado? Iriam ao fim do mundo ensinar a Boa-Nova, venceriam terras e espinhos, pertenceriam a Ele para sempre. Reorganizaram, pois, as atividades materiais e regressaram a Jerusalém, a fim de darem início à nova missão.

Instalados na cidade, graças à generosa acolhida de alguns amigos que ofereceram a Simão Pedro o edifício (pelos Textos adicionais, trata-se de uma simples residência com um grande terreno ao seu redor → vide Livro Paulo e Estevão, quando da passagem do Apóstolo Paulo pela Casa do Caminho) destinado ao começo da Obra, consolidou-se o “Movimento de Evangelização”.

Todavia, continuava o problema da Ressurreição. Teria voltado o Cristo? Não teria voltado?

Prosseguiram os atritos da opinião pública, quando algumas pessoas respeitáveis lembraram ao Sinédrio que fosse designada uma Comissão de três homens versados na Lei, para solucionar a questão junto dos Apóstolos e Discípulos. Efetuariam um interrogatório e exigiriam provas cabais.

Os três notáveis varões, todos filiados ao farisaísmo intransigente, penetraram a residência humilde, com extrema petulância.

E Simão Pedro, humilde, simples e digno, veio recebê-los.

Efetuada o preâmbulo das apresentações, começou o inquérito verbal, observado por dois Escribas do Templo.

Jacob, filho de Berseba, o chefe do trio, começou a interrogar :

– É verdade que Jesus, o Nazareno, ressuscitou?

- É verdade, confirmou Pedro, em voz firme.

- Quem testemunhou?

- Nós, que o vimos (Materializado com o Corpo Astral) várias vezes, depois da morte.

- Podem provar?

- Sim. Com a nossa dignidade pessoal, na afirmação do que presenciamos.

- Isso não basta, falou rudemente Jacob, sob forte irritação. Exigimos que o ressuscitado nos apareça.

- Pedro sorriu e replicou:

O inferior não pode determinar ao superior. Somos simples subordinados do Mestre, a serviço de sua infinita bondade.

- Mas não podem provar o Fenômeno da Ressurreição?

- A fé, a confiança, a certeza, são predicados intransferíveis da alma aduziu o Apóstolo, com humildade. Somos trabalhadores terrestres e estamos longe de atingir o convívio dos Anjos.

- Entreolharam-se os três Fariseus, com expressão de ira, e Jacob exclamou, trovejante:

Que recurso nos sugere, então, miserável pescador? Como solucionar o problema que provocaram no Espírito do povo?

- Simão Pedro, dando mostras de grande tolerância evangélica, manteve imperturbável serenidade e respondeu: Apenas conheço um recurso: Morram os Senhores como o Mestre morreu e vão procurá-lo no outro Mundo e ouvir-lhe as explicações. Não sei se possuem bastante “Dignidade Espiritual” para merecerem o encontro divino, mas, sem dúvida, é o único meio que posso sugerir.

Calaram-se os notáveis do Sinédrio, sob enorme estupefação. No silêncio da sala, começaram a ecoar os gemidos dos tuberculosos e loucos mantidos lá dentro. Alguém chamava Pedro, com angústia.

- O amoroso pescador fitou sem medo os interlocutores e pediu:

Com licença. Tenho mais o que fazer.

Voltou a comissão sem resultado alguma, e a discussão continua há quase vinte séculos.

Fonte:

Cap. 71- Depois da Ressurreição – Lázaro Redivivo, Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1945.

IV.2- Caso II

Instalado na casa modesta que seria, mais tarde, em Jerusalém, o primeiro Santuário dos Apóstolos, ou seja, a “Casa do Caminho”, Simão Pedro refletia... Recordava Jesus, em torno de quem havia sempre abençoado trabalho a fazer. Queria ação, suspirava por tarefas a realizar e, por isso, orava com fervor. Quando mais ardentes se lhe derramavam as lágrimas, com as quais suplicava do Céu a graça de servir, eis que o Mestre lhe surge à frente, tão compassivo e sereno como nos dias inolvidáveis em que se banhavam juntos na mesma luz das margens do Tiberiades...

Senhor! Implorou Simão, aspiro a estender-te as bênçãos gloriosas!... Deixei o lago para seguir-te! Disseste que nos farias Pescadores de Almas!... Quero testemunhar a Divina Missão do teu Evangelho de Amor e Luz!..... E porque o Celeste Visitante estivesse a fitá-lo em silêncio, Pedro acrescentou com a voz encharcada de pranto: Quando enviarás teu serviço às nossas mãos? Entreabriram-se de manso os lábios divinos e o Apóstolo escutou, enquanto Jesus se fazia novamente invisível: Amanhã.....amanhã.....

O antigo pescador, mais encorajado, esperou o dia seguinte. Aguardando o mandato do Eterno Benfeitor, devotou-se à limpeza doméstica, desde o nascer do sol, enfeitando a sala singela com rosas orvalhadas do amanhecer.....

Caiu a noite imensa sobre a cidade em extrema secura. Desapontado, ao repetir as últimas preces, Simão meditava diante de tocha bruxuleante, quando o Mestre querido se destacou da névoa... Ah! Senhor! clamou Pedro, chorando. Aguardei todo o dia, sem que me enviasses a prometida tarefa!...

- Como não? disse o Mestre, em tom de amargura. Por três vezes roguei-te hoje cooperação sem que me ouvisses..... E ante a memória do companheiro que recordava e compreendia tardiamente, Jesus continuou:

- Logo no início da manhã, enviei-te Joachaz, desventurado irmão nosso mergulhado no crime, para que o ajudasses a renovar a própria existência, mas devolveste-o à prisão.....

- Depois do meio-dia, entreguei-te Júnia, pobre irmã dementada e doente, para que a medicasses e a esclarecesses, em meu Nome. Contudo, condenaste-a ao vilipêndio e ao sarcasmo.....

- À noite, mandei-te Jarim, desditoso companheiro que o vício ensandece; no entanto, arremeteste contra ele

os próprios pés.....

Senhor! Soluçou o apóstolo, grande é a minha ignorância e eu não sabia... compadece-te de mim e ajuda-me com a tua orientação!...

- Jesus afagou-lhe a cabeça trêmula e falou, generoso: Pedro, quando quiseres ouvir-me, lembra-te de que o Evangelho tem a minha palavra...

Simão estendeu-lhe os braços, desejando retê-lo junto do coração, mas o Cristo Sublime como que se ocultava na sombra, escapando-lhe à afetuosa carícia. Foi então que o ex-pescador de Cafarnaum, cambaleando, buscou os apontamentos que trazia consigo e, abrindo-os ao acaso, encontrou o Versículo 12, do Capítulo 9 das anotações de Mateus, em que o Mestre da Vida assevera, convincente: Os "Sãos" não precisam de médico, mas sim os "Doentes".

Bibliografia

Contos Desta e da Outra Vida- Humberto de Campos- FEB, 1964

IV.3- Caso III

O Apóstolo Simão Pedro em várias passagens do Novo Testamento é utilizado por Jesus para a transmissão de Ensinamentos Espirituais à Humanidade do futuro através dos "Livros-Luzes" como comentado no por Humberto de Campos.

Após o aparecimento de Jesus no Cenáculo de Jerusalém, Simão torna-se o principal dirigente deste Núcleo de Atendimento Cristão, na Casa do Caminho, assim como assume o papel de coordenar as atividades dos Apóstolos e dos Discípulos.

Neste novo exemplo de Ensino, uma mulher que tinha sido apedrejada por adultério, pede asilo à Casa do Caminho. Pedro fica em dúvidas se a acolhe ou não, quando resolve Orar e pedir a Orientação do próprio Mestre. Após a Oração, eis que Jesus se Materializa Nimbado de Luz na frente de Pedro.

Pedro então pergunta ao Mestre se deve recebe-la ou não na Casa.

Jesus lhes responde que:

- Se for para julga-la, existem os Juizes terrenos. Se for para lhe ensinar a extensão dos seus erros, existem nas vias públicas milhares de bocas que a amaldiçoam-na e mãos que a apedrejam;

- Assim como para lhe conferir as noções de padecimentos em que se acha, existem aqueles que a exploram, dando-lhe fome e sede, pranto e aflição;

- Se for para explicar-lhe as "Penas" que a esperam "Neste" e no "Outro Mundo" existem os Espíritos acusadores, verdadeiros Verdugos que se arvoram em Juizes do Pai, castigando as vítimas, olvidando das próprias faltas cometidas → Jesus estava se referindo as Colônias de Dores e Expição existentes nos diferentes níveis dos Umbrais (Sete Níveis), nos quais estes "Espíritos Devedores" das Leis Divinas são escravizados e manietados por Espíritos Verdugos → O Livro "Libertação" de André Luiz e Chico Xavier relata vários tipos de Julgamentos em uma destas Colônias Trevas Espirituais, a qual era chefiada por Gregório, um Ex-Papa da Igreja Católica quando Encarnado e que servia aos Espíritos Malignos dos Dragões (vide "Nota 1" com explicações de André Luiz → Deus, nosso Pai, Justo, Misericordioso e Amoroso, jamais envia Anjos para castigar os Espíritos que se desviaram, por Livre-Arbitrio, das suas Leis Divinas).

- Jesus, então notando às hesitações de Simão, lhe diz que para ferir e amaldiçoar, sentenciar e punir, o Mundo está lotado de Maus Servidores. O Evangelho, porém para ser realizado, reclama o concurso de quem "Ampara e Educa, Consola e Renúncia, Ama e Perdoa".

- O Mestre então finaliza: Abre o acesso a nossa Irmã transviada, auxiliando-a a no reerguimento, trazendo-a da "Morte para a Vida". O Evangelho veio para ser portador da Boa Nova da Salvação. Em seguida o Senhor desaparece das vistas de Pedro.

Extremamente sensibilizado, tendo demonstrado que tinha aprendido a lição, Pedro então convida a mulher adúltera a entrar, para ser acolhida na Casa do Caminho, dizendo-lhe afetosamente: Entre, a casa é sua. Eu lhe sou apenas um simples irmão a lhe acolher em nome de Jesus.

Nota 1

(1) Espíritos caídos no mal, desde eras primevas da Criação Planetária, e que operam em zonas inferiores da vida, personificando líderes de rebelião, ódio, vaidade e egoísmo; não são, todavia, demônios eternos, porque individualmente se transformam para o bem, no curso dos séculos, qual acontece aos próprios homens. — Nota do autor espiritual.

Bibliografia

Luz Acima- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

IV.4- Caso IV

Estabelecidos em Jerusalém, depois do Pentecostes, os Discípulos de Jesus, sinceramente empenhados à Obra do Evangelho, iniciaram as campanhas imprescindíveis às realizações que o Mestre lhes confiara. Primeiro, o levantamento de moradia que os albergasse. Entremearam possibilidades, granjearam o apoio de simpatizantes da causa, sacrificaram pequenos luxos, e o teto apareceu, simples e acolhedor, onde os necessitados passaram a receber esclarecimento e consolação, em nome do Cristo.

Montada a máquina de trabalho, viram-se defrontados por novo problema. As instalações demandavam expressivos recursos. Convocações à solidariedade se fizeram ativas. Velhos cofres foram abertos, canastras rojaram-se de borco, entornando as derradeiras moedas, e o Lar da Fraternidade povoou-se de leitos e roupa, candeias e vasos, tinas enormes e variados apetrechos domésticos. Os filhos do infortúnio chegaram em bando. Obsidiados eram trazidos de longe, velhinhos que os descendentes irresponsáveis atiravam à rua engrossavam a estatística dos hóspedes, viúvas acompanhadas por filhinhos chorosos e magricelas aumentavam na instituição, dia a dia, e enfermos sem ninguém arrastavam-se na direção da Pousada de Amor, quando não eram encaminhados até aí em padiolas, com as marcas da morte a lhes arroxear o corpo enlanguescido.

Complicaram-se as exigências da manutenção e efetuaram-se coletas entre os amigos. Corações generosos compareceram. Remédios não escassearam e as mesas foram supridas com fartura. Obrigações dilatadas reclamaram concurso humano. Os continuadores de Jesus apelaram das Tribunas, solicitando braços compassivos que lavassem os doentes e distribuíssem os pratos. Cooperadores engajaram-se gratuitamente e formaram-se os Diáconos prestimosos.

Criancinhas começaram a despontar na estância humilde e outra espécie de assistência se impôs, rápida. Era necessário amontoar o material delicado em que os recém-nascidos, à maneira de pássaros frágeis, pudessem encontrar o aconchego do ninho. Senhoras abnegadas esposaram compromissos. A legião protetora do berço alcançou prodígios de ternura.. ..

Com o tempo, grassaram conflitos, despeitos, queixumes, perturbações. Cooperadores insatisfeitos com as próprias tarefas invadiam atribuições alheias, provocando atritos de consequências amargas, junto dos quais se sobrepunham os especialistas do sarcasmo, transfigurando os querelantes em trampolins de acesso à dominação deles mesmos. Partidos e corrilhos, aqui e ali. Cochichos e arrufos nos refeitórios, nas cozinhas enredos e batebocas. Discussões azedavam o ambiente dos átrios. Fel na intimidade e desprezo por fora, no público que seguia, de perto, as alterações e as desavenças.

Esmerava-se Pedro no sustento da ordem, mas em vão. Aconselhava serenidade e prudência, sem qualquer resultado encorajador. Por fim, cansado das brigas que lhes desgastavam a obra e a alma, propôs reunirem-se em Oração, a benefício da paz. Transcorridos seis meses sobre a Prece em conjunto, uma noite de angústia apareceu, em que Simão implorou, mais intensamente comovido, a inspiração do Senhor. Os irmãos, sensibilizados, viram-no engasgado de pranto. O companheiro fiel, rude por vezes, mas profundamente afetuoso, mendigou o auxílio da Divina Misericórdia, reconhecia a edificação do Evangelho comprometida pelas rixas constantes, esmolava assistência, exorava proteção...

Quando Pedro parou de falar, enxugando o rosto molhado de lágrimas, alguém, surgiu ali, diante deles, como se a parede, à frente, se abrisse por dispositivos ocultos, para dar passagem a um Homem. À luz mortiça que bruxuleava no velador, Jesus, como no passado, estava ali, rente a eles... Era ele, sim, o Mestre!... Mostrando o olhar lúcido e penetrante, os cabelos desnastrados à nazarena e melancolia indefinível na face calma, ergueu as mãos num gesto de bênção!...

Pedro gemeu, indiferente aos amigos que o assombro empolgava: Senhor, compadece-te de nós, os aprendizes atormentados!... Que fazer, Mestre, para garantir a segurança de tua obra? Perdoa-me se tenho o coração fatigado e desditoso!...

-Simão – respondeu Jesus, sem se alterar, não me esqueci de rogar para que nos amássemos uns aos outros... -
 Senhor – tornou Cefas, temos realizado todo o bem que nos é possível, segundo o Amor que nos ensinaste. Nossas campanhas não descansam...Temos amparado, em teu nome, os aleijados e os infelizes, as viúvas e os órfãos...

-Sim, Pedro, todas essas campanhas são aquelas que não podem esmorecer, para que o bem se espalhe por fruto do Céu na Terra; no entanto, urge saibamos atender à campanha da paz em si mesma...

Senhor, esclarece-nos por piedade!... Que campanha será essa?!

- Jesus, divinamente materializado, esprou o olhar percuciente na diminuta assembleia e ponderou, triste: O equilíbrio nasce da União Fraternal e a União Fraternal não aparece fora do respeito que devemos Uns aos Outros... Ninguém colhe aquilo que não semeia... Conseguiremos a seara do serviço, conjugando os braços na ação que nos compete; conquistaremos a diligência, aplicando os olhos no dever a cumprir; obteremos a vigilância, empregando criteriosamente os ouvidos; entretanto, para que a harmonia permaneça entre nós, é forçoso pensar e

falar acerca do Próximo, como desejamos que o Próximo pense e fale sobre Nós mesmos...

- E, ante o silêncio que pesava, profundo, o Mestre rematou: Irmãos, por Amor aos Fracos e aos Aflitos, aos Deserdados e aos Tristes da Terra, que esperam por Nós na Luz do Reino de Deus, façamos a Campanha da Paz, começando pela Caridade da Língua.

Bibliografia

- Contos Desta e da Outra Vida- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

IV.5- Caso V

Onze anos após a crucificação do Mestre, Tiago, o pregador, filho de Zebedeu, foi violentamente arrebatado por esbirros do Sinédrio, em Jerusalém, a fim de responder a processo infamante.....

O antigo pescador e aprendiz de Jesus é atado a grande poste e, ali mesmo, sob a alegação de que Herodes lhe decretara a pena, legionários do povo passam-no pela espada, enquanto a turba estranha lhe apedreja os despojos.

Simão chora, sozinho, ao contemplar-lhe os restos, voltando, logo após, para o seu humilde refúgio. Depois de algumas horas, veio a noite envolvente acalantar-lhe o pranto. De rústica janela, o condutor da Casa do Caminho inquire o Céu imenso, orando com fervor. Como desejaria ouvir o Mestre agora! Que diria Jesus do terrível sucesso? Neste instante, levanta os olhos lacrimosos, e observa que o Cristo lhe surge, doce, à frente. É o mesmo companheiro de semblante divino.

Ajoelha-se Pedro e grita-lhe: Senhor! Somos todos contados entre os vermes do mundo!... Porque tanta miséria a desfazer-se em lama? Nosso nome é pisado e o nosso sangue verte em homicídio impune... A calúnia feroz espia-nos o passo...

- E talvez porque o mísero soluçasse de angústia, o Mestre aproximou-se e disse com carinho, a afagar-lhe os cabelos: Esqueceste, Simão? Quem quiser vir a mim carregue a própria Cruz...

Senhor! retrucou, em lágrimas, o Apóstolo abatido. Não renego o madeiro, mas clamo contra os Maus..... Que fazer de Joreb, o falsário infeliz, que mentiu sobre nós, de modo a enriquecer-se? Que castigo terá esse inimigo atroz da Verdade Divina?

- E Jesus respondeu, sereno, como outrora: Jamais amaldiçoos... Joreb vai viver...

E Amenab, Senhor? que punição a dele, se armou escuro laço, tramando-nos a perda?

– Esqueçamo-la em prece, porque o pobre Amenab vai viver igualmente...

E Joachib Ben Mad? não foi ele, talvez, o inspirador do crime? o carrasco sem fé que a todos atraiçoa? Com que horrenda aflição pagará seus delitos?

– Foge de condenar, Joachim vai viver...

E Amós, o falso Amós, que ganhou por vender-nos?

– Olvidemos Amós, porque Amós vai viver...

E Herodes, o Rei vil, que nos condena a morte, fingindo ignorar que servimos a Deus?

- Mas Jesus, sem turvar os olhos generosos, explicou simplesmente: Repito-te, outra vez, que quem fere, ante a Lei será também ferido... A quem pratica o Mal, chega o horror do Remorso... E o Remorso Voraz possui bastante fel para amargar a vida...

- Nunca te vingues, Pedro, porque os maus viverão e basta-lhes viver para se alçarem à dor da sentença cruel que lavram contra eles mesmos...

Simão baixou a face banhada de pranto, mas ergueu-a em seguida, para nova indagação..... O Senhor, entretanto, já não mais ali estava. Na laje do chão só havia o silêncio que o luar renascente adornava de luz...

Bibliografia

Contos Desta e da Outra Vida- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

V- Materializações de Jesus para o Apóstolo Thiago Menor

Conta-se que Tiago, filho de Alfeu, o discípulo de Jesus extremamente ligado à Lei Antiga, alguns meses depois da crucificação tomou-se de profunda saudade do Redentor e, suspirando por receber-lhe a Visita Divina, afastou-se dos companheiros de Apostolado, demandando deleitoso retiro, nas adjacências de Nazaré. Ele, que pretendia conciliar os Princípios do Cristo com os Ensinamentos de Moisés, não tolerava os distúrbios da multidão. Não seria mais justo, pensava, aguardar o Senhor na quietude do campo e na Bênção da Prece? Porque misturar-se com os gentios irreverentes?

Simão e os demais Cooperadores haviam permanecido em Jerusalém, ajudando as Meretrizes, Malfeitores,, na Casa do Caminho.

Por mais de duzentos dias demorava-se em semelhante adoração, ansiando ouvir o Salvador, quando, em certo crepúsculo doce e longo, reparou que um ponto minúsculo crescia, em pleno Céu. De joelhos, interrompeu a Oração e acompanhou a pequenina Esfera Luminosa, até que a viu transformada na Figura de um Homem, que avançava em sua direção... Daí a minutos, mal sopitando a emotividade, reconheceu-se à frente do Mestre. Oh! era Ele! A mesma túnica simples, os mesmos cabelos fartos a se Lhe derramarem nos ombros, o mesmo semblante marcado de amor e melancolia...

Tiago esperou, mas Jesus, como se Lhe não assinalasse a presença, caminhou adiante, deixando-o à retarguada... O Discípulo Solitário não suportou semelhante silêncio e, erguendo-se, presto, correu até o Divino Amigo e interpelou-o: Senhor, Senhor! Aonde vais?

- O Messias voltou-se e respondeu, generoso: Devo estar ainda hoje em Jerusalém, onde os nossos Companheiros necessitam de meu concurso para o trabalho...

E eu, Mestre? Perguntou o Apóstolo, aflito: Acaso não precisarei de Ti no carinho que Te consagro à memória?

- Tiago, disse Jesus, abençoando-o com o olhar, o soldado que se retira deliberadamente do combate não precisa do suprimento indispensável à extensão da luta... Deixei aos meus Discípulos os Infortunados da Terra como Herança. O Evangelho é a construção sublime da Alegria e do Amor... E enquanto houver no Mundo um só coração desfalecente, o descanso ser-me-á de todo impraticável...

Mas, Senhor, disseste que devíamos conservar a elevação e a pureza.

– Sim, tornou o Excelso Amigo, e não te recrimino por guardá-las. Devo apenas dizer-te que é fácil ser Santo, à distância dos Pecadores.

Não nos classificaste também como sendo a luz do mundo?

- O Visitante Divino sorriu triste e falou: Entretanto, onde estará o Mérito da Luz que foge da Sombra? Nas trevas da crueldade e da calúnia, da mistificação e da ignorância, do sofrimento e do crime, acenderemos a Glória de Deus, na exaltação do Bem Eterno.

Tiago desejaria continuar a sublime conversação, mas a voz extinguiu-se-Lhe na garganta, asfixiada de lágrimas.

- E como quem tinha pressa de chegar ao destino, Jesus afastou-se, após afagar-Lhe o rosto em pranto.

Na mesma noite, porém, o Apóstolo renovado desceu para Nazaré e, durante longas horas, avançou devagar para Jerusalém, parando aqui e ali para essa ou aquela tarefa de caridade e de reconforto. E na ensolarada manhã do sétimo dia da jornada de volta, quando Simão Pedro veio à sala modesta de socorro aos enfermos encontrou Tiago, filho de Alfeu, debruçado sobre velha bacia de barro, lavando um ferido e conversando, bondoso, ao pé dos infelizes.

Bibliografia

Estante da Vida- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

VI- Materializações de Jesus para o Rabino Nicodemos

E Nicodemos, o grande Nicodemos dos dias primeiros do Evangelho, passou a contar-nos em sua Preleção como Instrutor Espiritual:

- Depois da aparição do Senhor aos Quinhentos da Galiléia, certo dia, ao entardecer, detive-me à beira do lago de suas pregações, rogando a Ele me dissipasse as dívidas. Ante os ensinamentos divinos, eu experimentava o entrechoque em torno das ideias de justiça e misericórdia, responsabilidade e perdão... De que maneira conciliar o Bem e o Mal? como estabelecer a diferença entre prêmio e castigo? Atormentado, perante as exigências da Lei de que eu era intérprete, supliquei-Lhe a palavra;

-E eis que, de súbito, o Excelso Benfeitor apareceu junto de mim... Prostrei-me na areia e Jesus, aproximando-se, tocou-me, de leve, a cabeça fatigada, e inquiriu: Nicodemos, que pretendes de mim?

Senhor, explique, tenho o pensamento em fogo, tentando discernir sobre retidão e delinquência, bondade e correção... Porque te banquetaste com pecadores e tanta vez te referiste, quase rudemente, aos Fariseus, leais seguidores de Moisés? Acaso, estão certas as pessoas de vida impura, e erradas aquelas outras que se mostram Fiéis à Lei?

- Jesus respondeu com inflexão de brandura inesquecível: Nunca disse que os pecadores estão no caminho justo, mas afirmei que não vim ao mundo socorrer os sãos, e sim os enfermos. Quanto aos princípios de santidade, que

dizer dos bons que detestam os maus, dos felizes que desprezam os infelizes, se todos somos filhos de Deus? de que serve o tesouro enterrado ou o livro escondido no deserto?

Messias, prosseguiu, porque dispensaste tanta atenção a Zaqueu, o rico, a ponto de lhe compartilhares a mesa, sem visitar os lares pobres que lhe circundam a moradia?

- Estive com a multidão, desde as notícias iniciais do novo Reino!... Relativamente a Zaqueu, é ele um rico que desejava instruir-se, e furtar a lição, àqueles amigos a quem o mundo apelida de avaros, é o mesmo que recusar remédio ao doente...

E as meretrizes, Senhor? Porque as defendeste?

- Nicodemos, na hora do Juízo Divino, muitas dessas mesmas desventuradas mulheres, que censuras, ressurgirão do lodo da angústia, limpas e brilhantes, lavadas pelo pranto e pelo suor que derramarem, enquanto que aparecerão pejados de Sombra e Lama aquelas que lhes prostituíram a existência, depois de lhes abusarem da confiança, lançando-as à condenação e à enfermidades.

Senhor, ouvi dizer que deste a Pedro o papel de condutor dos teus discípulos... Porquê? Não é ele o Colaborador que te negou três vezes?!

- Exatamente por isso... Na dor do remorso pelas próprias fraquezas, Simão ganhará mais força para ser Fiel...

Mais que os outros companheiros, ele sabe agora quanto custa o sofrimento da deserção...

Mestre, e os Ladrões do último dia? Porque te deixaste imolar entre dois Malfeitores? E porque asseguraste a um deles o "Ingresso no Paraíso", junto de ti?

- Como podes julgar apressadamente a tragédia de Criaturas cuja história não conheces desde o princípio? Não acoberto os que praticam o Mal; no entanto, é preciso saber até que ponto terá alguém resistido à tentação e ao infortúnio para que se transformam em vítimas do próprio desequilíbrio e há empreiteiros da fome que responderão pela crueldade com que sonegam o pão... Com referência ao Amigo a quem prometi a entrada imediata na Vida Superior, é verdade que assim o fiz, mas não disse para quê... Ele realmente foi conduzido ao Mundo Maior para ser reeducado e atendido em suas necessidades de erguimento e transformação!...

Senhor, insistiu, e a responsabilidade com que nos cabe tratar da Justiça? Porque pediste perdão ao Todo-Poderoso para os próprios carrascos, quando dependurado na cruz do martírio, inocentando os que te espancavam?

- Não anulei a responsabilidade em tempo algum... Roguei, algemado à cruz: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem..." Com isso, não asseverei que os nossos adversários gratuitos estivessem fazendo o que deviam fazer... Esclareci, tão-só, que eles não sabiam o que estavam fazendo e, por isso mesmo, se revelavam dignos da maior compaixão!

Ante as palavras do Senhor, concluiu o Antigo Mestre de Israel, as lágrimas me subiram das entranhas da lama para os olhos... Nada mais vi que não fosse o véu diáfano do pranto, a refletir as sombras que anunciavam a noite... Ainda assim, ouvi, como se o Senhor me falasse longe, muito de longe: Misericórdia quero, não sacrifício... Nesse ponto da narrativa, Nicodemos calou-se. A emoção sufoca a voz do grande Instrutor Espiritual, cuja presença nos honrava a Mansão Espiritual. E, quanto a nós, velhos julgadores do mundo, que o ouvíramos atentos, entramos todos em meditação e silêncio, de vez que ninguém apareceu em nossa tertúlia íntima com bastante disposição para acrescentar palavra.

Bibliografia

Estante da Vida- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

VII- Materializações de Jesus para Os Quinhentos da Galileia

Depois do Calvário, verificadas as primeiras manifestações de Jesus no Cenáculo singelo de Jerusalém, apossara-se de todos os amigos sinceros do Messias uma saudade imensa de sua palavra e de seu convívio. A maioria deles se apegava aos Discípulos, como querendo reter as últimas expressões de sua mensagem carinhosa e imortal.

O ambiente era um repositório vasto de adoráveis recordações. Os que eram agraciados com as visões do Mestre se sentiam transbordantes das mais puras alegrias. Os companheiros inseparáveis e íntimos se entretinham em longos comentários sobre as suas reminiscências inapagáveis.

Foi quando Simão Pedro e alguns outros salientaram a necessidade do regresso a Cafarnaum, para os labores indispensáveis da vida.

Em breves dias, as velhas redes mergulhavam de novo no Tiberíades, por entre as cantigas rústicas dos pescadores.....

Mas, ao pé do Monte onde o Cristo se fizera ouvir algumas vezes, exaltando as belezas do Reino de Deus e da sua Justiça, reuniam-se invariavelmente todos os Antigos Seguidores mais Fiéis, que se haviam habituado ao doce alimento de sua palavra inesquecível. Os Discípulos não eram estranhos a essas rememorações carinhosas e, ao cair da tarde, acompanhavam a pequena corrente popular pela via das recordações afetuosas.

Falava-se vagamente de que o Mestre voltaria ao Monte para despedir-se. Alguns dos Apóstolos aludiam às Visões em que o Senhor prometia fazer de novo ouvida a sua palavra num dos lugares prediletos das suas pregações de outros tempos.

Numa tarde de azul profundo, a reduzida comunidade de amigos do Messias, ao lado da pequena multidão, reuniu-se em preces, no sítio solitário. João havia comentado as promessas do Evangelho, enquanto na encosta se amontoava a Assembleia dos Fiéis seguidores do Mestre.

Foi nesse instante, de indizível grandiosidade, que a figura do Cristo assomou no cume iluminado pelos derradeiros raios do Sol. Era Ele. Seu sorriso desabrochava tão meigo como ao tempo glorioso de suas primeiras pregações, mas de todo o seu vulto se irradiava luz tão intensa que os mais fortes dobraram os joelhos. Alguns soluçavam de júbilo, presas das emoções mais belas de sua vida. As mãos do Mestre tomaram a atitude de quem abençoava, enquanto um divino silêncio parecia penetrar a alma das coisas. A palavra articulada não tomou parte naquele Banquete de Luz Imaterial; todos, porém, lhe perceberam a amorosa despedida e, no mais íntimo da Alma, lhe ouviram a exortação magnânima e profunda.

Jesus então faz uma comunicação, de Mente a Mente, com os presentes:

“Amados, a cada um se afigura me escutar na câmara secreta do coração, pois eis que retomo a vida em meu Pai para regressar à Luz do meu Reino!... Enviei meus Discípulos como ovelhas ao meio de lobos e vos recomendo que lhes sigais os passos no escabroso caminho. Depois deles, é a Vós que confio a tarefa sublime da redenção pelas verdades do Evangelho. Eles serão os Semeadores, vós sereis o Fermento Divino. Instituo-vos os primeiros trabalhadores, os herdeiros iniciais dos Bens Divinos. Para entrardes na posse do Tesouro Celestial, muita vez experimentareis o Martírio da Cruz e o Fel da Ingratidão..... Em conflito permanente com o Mundo, estareis na Terra, fora de suas leis implacáveis e egoístas, até que as bases do meu Reino de Concórdia e Justiça se estabeleçam no Espírito das Criaturas.

Negai-vos a vós mesmos, como neguei a minha própria vontade na execução dos desígnios de Deus, e tomai a vossa Cruz para seguir-me. Séculos de luta vos esperam na estrada universal. É preciso imunizar o coração contra todos os enganos da vida transitória, para a soberana grandeza da Vida Imortal. Vossas sendas estarão repletas de fantasmas de aniquilamento e de visões de morte. O Mundo inteiro se levantará contra vós, em obediência espontânea às Forças Tenebrosas do Mal, que ainda lhe dominam as fronteiras.

Sereis escarnecidos e aparentemente desamparados; a dor vos assolará as esperanças mais caras; andareis esquecidos na Terra, em supremo abandono do coração. Não participareis do venenoso banquete das posses materiais, sofrereis a perseguição e o terror, tereis o coração coberto de cicatrizes e de ultrajes. A Chaga é o vosso sinal, a Coroa de Espinhos o vosso símbolo, a Cruz o recurso ditoso da redenção. Vossa voz será a do deserto, provocando, muitas vezes, o escárnio e a negação da parte dos que dominam na carne perecível.

Mas, no desenrolar das batalhas incruentas do coração, quando todos os horizontes estiverem abafados pelas Sombras da Crueldade, dar-vos-ei da minha Paz, que representa a Água Viva. Na existência ou na morte do corpo, estareis unidos ao meu Reino. O mundo vos cobrirá de golpes terríveis e destruidores, mas, de cada uma das vossas feridas, retirarei o Trigo Luminoso para os celeiros infinitos da graça, destinados ao sustento das mais ínfimas criaturas!..... Até que o meu Reino se estabeleça na Terra, não conhecereis o amor no mundo; eu, no entanto, encherei a vossa solidão com a minha assistência incessante.

Gozarei em vós, como gozareis em mim, o júbilo celeste da execução Fiel dos desígnios de Deus. Quando tomardes, sob as arremetidas dos Homens ainda pobres e infelizes, eu vos levantarei no silêncio do caminho, com as minhas mãos dedicadas ao vosso bem. Sereis a união onde houver separatividade, sacrifício onde existir o falso gozo, claridade onde campearem as Trevas, porto amigo, edificado na rocha da fé viva, onde pairarem as sombras

da desorientação. Sereis meu refúgio nas Igrejas mais estranhas da Terra, minha esperança entre as loucuras humanas, minha verdade onde se perturbar a ciência incompleta do mundo!...

Amados, eis que também vos envio como ovelhas aos caminhos obscuros e ásperos. Entretanto, nada temais! Sede Fiéis ao meu coração, como vos sou Fiel, e o bom ânimo representará a vossa estrela! Ide ao mundo, onde teremos de vencer o Mal! Aperfeiçoemos a nossa Escola Milenária, para que aí seja interpretada e posta em prática a Lei de Amor do Nosso Pai, em obediência feliz à sua vontade augusta!"

Sagrada emoção senhoreara-se das Almas em êxtase de ventura. Foi então que observaram o Mestre, rodeado de Luz, como a elevar-se ao céu, em demanda de sua gloriosa esfera do Infinito.

Os primeiros astros da noite brilhavam no alto, como flores radiosas do Paraíso. No Monte Galileu, cinco centenas de corações palpitavam, arrebatados por intraduzível júbilo. Velhos trêmulos e encarquilhados desceram a encosta, unidos uns aos outros, como solidários, para sempre, no mesmo trabalho de grandeza imperecível.

Anciãs de passo vacilante, coroadas pela neve das experiências da vida, abraçavam-se às filhas e netas, jovens e ditosas, tomadas de indefinível embriaguez d'alma. Romanos e judeus, ricos e pobres confraternizavam, felizes, adivinhando a necessidade de cooperação na tarefa santa.

Bibliografia

Boa Nova- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

VIII- Materializações de Jesus para o Profeta Jonas

Jonas, o Profeta, descansava, enfim, na deleitosa paisagem. Levantara cabana tosca, a oeste de Nínive, e ali, diante do Céu e da Natureza, preferia o silêncio ao burburinho dos Homens. Sentia-se triste, desenganado, e ruminava impérios contra o próprio Senhor. Contemplando o casario distante, na aragem do crepúsculo, recordava o início do Ministério em que se presumia fracassado. Vivia calmo, pensava, vivia calmo e sem atrito. Adorava as oliveiras do velho sítio, tangia, feliz, seu rebanho de cabras. O anonimato garantia-lhe o sossego do prato sem problemas. O Senhor, porém, surgira-lhe à Visão e tudo se alterara. A palavra dele irrompia-lhe nos ouvidos, em qualquer lugar e a qualquer hora. Se fosse apenas o prazer de ouvi-lo..... Mas o Senhor queixava-se de Nínive e incumbia-o de severa advertência. Cabia-lhe a "Obrigação" de avisar os Ninivitas de que lhes destruiria a cidade, como se ateaia fogo num campo invadido de pragas. Que Jonas falasse, gritasse, anunciasse, predissesse. A medida poderia afastar os moradores que desejasse purificar o coração e melhorar a vida.....

Tanto chorou, naquele ocaso cinzento, confessando a si mesmo invencível desânimo, que o Senhor se dispôs a visitá-lo e, ao vê-lo "Moralmente Surdo e Cego" de indignação e amargura, brindou-lhe a choça com uma semente de abóboreira. A breve espaço, Jonas descobriu a plantinha nascente e embeveceu-se. Consagrou-se a ela com paternal carinho. A trepadeira cresceu, viçosa, e abraçou-lhe o casebre. Assemelhava-se a bela coroa verde a defendê-lo contra o Sol, fazendo-o esquecer todas as mágoas. No entanto, quando o Profeta se revelava mais devotado ao seu passatempo, surge o imprevisto. Grande rato dilapidou as raízes do lindo ornato e as ramas secaram-se, de chofre. Jonas, irado, afundou-se no desespero. Amava a planta, dedicara-se inteiramente a ela. Porque a destruição, porque a ruína? Arremessando os punhos na própria cabeça, esbravejava contra a canícula e, afagando folhas mortas, perguntava, em lágrimas: "Porquê? Porquê?"

Foi então que o Senhor lhe apareceu, plenamente materializado, e falou, conciso: Ah! Jonas, consideras-me covarde, por exercitar a Misericórdia, e apaixonas-te, desta forma, por uma abóboreira, da qual desconheces a formação, em cujo desenvolvimento não trabalhaste, que nasceu numa noite e que, num dia, pereceu? Choras amargamente por um simples vegetal, tentando recupera-lo e não me permites ter qualquer compaixão por Nínive, onde estão mais de cento e vinte mil homens, ainda fracos e ignorantes, e que, por enquanto, não sabem discernir a mão direita da mão esquerda?

Assim termina a saborosa narração do Velho Testamento. E, ao relê-la, pensamos em muitos Religiosos da Terra que se fazem censores dos irmãos em dificuldades para assimilar os Talentos da Fé, a exigirem que o Senhor lhes destruísse a existência, mas profundamente agarrados às suas Comodidades e às suas Abóboras.

Bibliografia

Contos Desta e da Outra Vida- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948.

IX- A Visão de Ananias de Damasco

Ananias é um Discípulo de Jesus que cura a cegueira de Paulo de Tarso em Damasco. Ananias recebe uma Visão de Jesus, que lhe diz para ir a Damasco e encontrar Paulo (Saulo), que estava a perseguir os Cristãos. Ananias visita Paulo, que estava cego e se sente arrependido, e coloca as mãos sobre ele para curá-lo. A seguir Ananias batiza Paulo, que se torna um Apóstolo de Jesus. A seguir o real Diálogo entre Paulo de Tarso e Ananias:

- Ananias: O Senhor, que te apareceu no caminho, enviou-me a esta casa para que tornes a ver e recebas a iluminação do Espírito Santo.
- Paulo de Tarso: Ouvindo-o, o moço de Tarso tateou ansiosamente nas sombras. Quem seria aquele homem que sabia os feitos lá da estrada! Algum conhecido de Jacob? Mas... aquela inflexão de voz enternecida e carinhosa? Vosso nome? Perguntou quase aterrado.
- Ananias: Ananias. Jesus mandou-me, justamente para que tivesses, de novo, o dom da vista. Irmão Saulo, em nome de Deus Todo-Poderoso eu te batizo para a nova fé em Cristo Jesus.
- Paulo de Tarso: Jesus é o Messias eterno! Depus minha alma em suas mãos! Digne-se o Senhor perdoar meus Pecados e iluminar meus propósitos para uma Vida Nova.

Anexo I- Materialização de Espíritos na Grécia Antiga

No Cap. 48, A Atitude do Guia, de [5], é relatado que um Guia Espiritual de um Centro Espírita, na atualidade, se materializava na Grécia por volta de 800 AC ➔ neste momento, no Centro Espírita em pleno Século XX, o Guia interrompeu sua Comunicação, para que os presentes assimilassem seu conteúdo, quando foi subitamente arguido por um dos membros Encarnados da reunião sobre problemas materiais, ao que o Guia polidamente replicou de modo genérico, para em seguida findar a Comunicação.

Contudo no Plano Espiritual, um dos membros do Grupo Espiritual de apoio ao Centro Espírita, lhe argui sobre a incompreensão dos Encarnados sobre a Palestra.

O generoso Mentor Espiritual então observou, longe de qualquer descontentamento: Não nos aflijamos por resultados imediatos em relação ao Grupo de Encarnados. Em particular, conheço este irmão que fez a pergunta, exatamente a dois mil e oitocentos anos atrás, quando ele era membro de uma Associação de Ensinos Secretos no Templo dedicado a Zeus, em Olímpia, na Grécia Antiga. Eu era um Humilde Instrutor Espiritual, e me Materializava para explicar a Simbologia dos Mistérios Órficos adaptados a Luz Divina.

Em uma destas vezes, este mesmo Irmão também me fez uma pergunta de ordem estritamente material, mostrando-se tal como nos dias de hoje, dois mil e oitocentos anos após, um caçador de arranjos materiais, totalmente despreparado para os Ensinos Espirituais.

Quanto a mim, continuo trabalhando a exatos vinte e oitocentos séculos para o benefício de todos.

Nesta altura, o querido Guia, fez a seguinte colocação: Há quantos milhares de anos tem nos auxiliado o Divino Mestre Jesus, recebendo a nossa Impermeabilidade e Resistência? Em seguida, encerrou a reunião e convocou-nos para a próxima ➔ este caso mostra o elevado nível de Espiritualidade nos Templos Iniciáticos do Povo Grego, inclusive com Materializações dos Guias Espirituais a Serviço de Jesus.

Anexo II- Materialização de Asclépios em Nosso Lar

Antes de iniciar os trabalhos de Expedição Socorrista, o Assistente Jerônimo conduziu-nos ao Templo da Paz (7), na zona consagrada ao serviço de auxílio, onde esclarecido Instrutor comentaria as necessidades de cooperação junto às entidades Infelizes, nos círculos mais baixos da vida espiritual que rodeiam a Crosta da Terra.

O Templo, edificado no sopé de graciosa colina, apresentava aspecto festivo, em virtude da iluminação feérica a projetar singulares efeitos nos caminhos adjacentes. As torres, à maneira de agulhas brilhantes, alongavam-se pelo céu, contrastando com o indefinível azul da noite clara e, cá em baixo, as flores de variadas figurações eram taças luminosas, servindo luz e perfume, balouçando, de leve, na folhagem, ao sopro Incessante do vento.

Na véspera da partida, o Assistente Jerônimo conduziu-nos ao Santuário da Bênção, situado na zona dedicada aos Serviços de Auxílio, onde, segundo nos esclareceu, receberíamos a palavra de Mentores Iluminados, habitantes de regiões mais puras e mais felizes que a nossa. O Orientador não desejava partir sem uma Oração no Santuário, o que fazia habitualmente, antes de entregar-se aos trabalhos de assistência, sob sua direta responsabilidade.

Tomando-nos a dianteira, o Instrutor estacou à frente de reduzida câmara estruturada em substância análoga ao vidro puro e transparente. Olhei-a, com atenção. Tratava-se dum gabinete cristalino, em cujo interior poderiam abrigar-se, à vontade, duas a três pessoas. Destacando-se pela túnica muito alva, o Diretor da Casa estendeu a destra em nossa direção e exclamou com grave entono: Os emissários da Providência não devem semear a luz sem proveito; constituir-nos-ia falta grave receber, em vão, a Graça Divina. Colocando-se ao nosso encontro, os Mensageiros do Pai que exercitam o sacrifício e a abnegação, sofrem os choques vibratórios de nossos planos mais baixos, retomam a “Forma” que abandonaram, desde muito, fazem-se humildes como nós, e, para que nos façamos tão elevados quanto eles, dignam-se ignorar-nos as fraquezas, a fim de que nos tornemos partícipes de suas gloriosas experiências...

O Instrutor Cornélio poderia parecer excessivamente metódico e rigorista; entretanto, não para nós, que lhe sentíamos a sinceridade profunda e o entranhado amor às coisas santas. Após longo intervalo, destinado à nossa preparação mental, tornou ele, sem afetação: Projetemos nossas Forças Mentais sobre a Tela Cristalina. O quadro a formar-se constará de paisagem simbólica, em que águas mansas, personificando a paz, alimentem vigorosa árvore, a representar a vida. Assumirei a responsabilidade da criação do tronco, enquanto os chefes das missões entrelaçarão Energias Criadoras fixando o lago tranquilo. E dirigindo-se especialmente a nós outros, os Colaboradores mais humildes, acrescentou: Formarão vocês a veste da árvore e a vegetação que contornará as águas serenas, bem como as características do trecho de firmamento que deverá cobrir a pintura mental. Após ligeira pausa, com-cluía: Este, é o “Quadro” que ofereceremos no Santuário da Bênção ao visitante excepcional que nos falará em breves minutos. Atendamos aos sinais.

Calou-se o orientador do Santuário e, dentro da imponente quietude da câmara, vimos que a paisagem, formada de substância mental, começou a iluminar-se, inexplicavelmente, em seus mínimos contornos. Guardava a ideia de que reduzido Sol surgiria à nossa vista sob a nesga de Céu, no quadro singular. Raios fulgurantes penetravam o fundo esmeraldino e vinham refletir-se nas águas.

Cornélio, de mãos erguidas para o alto, mas sem qualquer expressão ritualística, em vista da simplicidade espontânea de seus gestos, exclamou: Bem-vindo seja o portador de Nosso Pai Amantíssimo! Nesse instante, sob nossos olhos atônitos, alguém apareceu no gabinete, entre a vegetação e o céu. Semelhava-se a um Sacerdote de culto desconhecido, trajando Túnica Lirial. Fisionomia simpática de Ancião, apresentava-se Nimbado de Luz indescritível e seu olhar nos mantinha extasiados e presos, num misto de veneração e encantamento, sem que nos fosse possível qualquer fuga mental de sua presença sublime. Via-se-lhe apenas o busto cheio, parecendo-me que os seus membros inferiores se ocultavam naturalmente na folhagem abundante. Seus braços e mãos, todavia, revelavam-se com todas as minudências anatômicas, porque com a destra nos abençoava num gesto amplo, mantendo na outra mão pequeno Rolo de Pergaminhos Brilhantes, deixando-nos perceber dourado cordão atado à cinta.

Visivelmente sensibilizado, o Diretor da Casa saudou, nominalmente: Venerável Asclépios, sê conosco! O Emissário, em voz clara e sedutora, desejou-nos a Paz do Cristo e, em seguida, dirigiu-nos a palavra em tom inexprimível na linguagem humana (abstenho-me aqui de qualquer tradução incompleta e imperfeita, atendendo a imperativos de consciência). Ouvimo-lo sob infinita emoção, sem que qualquer de nós contivesse as lágrimas. O verbo do admirável Mensageiro que chegava de Esferas Superiores, trazendo-nos a Bênção Divina, caia-nos n’alma de modo intraduzível e acordava-nos o espírito eterno para a infinita glória de Deus e da Vida Imortal. Não conseguiria descrever o que se passava em mim próprio. Jamais escutara alguém com aquele misterioso e fascinante poder magnético de fixação dos ensinamentos de que se fizera emissário. Ao abençoar-nos, ao término da maravilhosa alocação, irradiavam-se de sua destra muito alva pequeninos focos de luz, em forma de minúsculas estrelas que se projetavam sobre nós, invadindo-nos o tórax e a fronte e fazendo-nos experimentar o júbilo inenarrável de quem sorve, feliz, vigorosos e renovadores alentos da vida.

Em seguida, falou, jovial: A confiança no Poder Divino é a base do Júbilo Cristão, que jamais deveremos perder. O Instrutor Cornélio meditou alguns momentos e rogou, humilde: Ensina-nos sempre, venerável irmão!...

Decorreram minutos sem que os demais utilizassem a palavra. Fazendo menção de despedir-se, o sublime visitante comentou, afável: À medida que nos integramos nas próprias responsabilidades, compreendemos que a sugestão direta nas dificuldades e realizações do caminho deve ser procurada com o Supremo Orientador da Terra.

Cada Espírito, Herdeiro e Filho do Pai Altíssimo, é um mundo por si, com as suas Leis e Características Próprias. Apenas o Mestre tem bastante poder para traçar Diretrizes Individuais aos Discípulos.

Cornélio informou que: Pertence Asclépios a Comunidades redimidas do Plano dos Imortais, nas regiões mais elevadas da Zona Espiritual da Terra (Esferas Crísticas). Vive muito acima de nossas noções de Forma, em condições inimagináveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo contato direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de Enviados e Missionários de grande poder. Apreciável é o sacrifício dele, vindo até nós, embora a melhoria de nossa posição, em relação aos Homens Encarnados. Vem aqui raramente. Não obstante, algumas vezes também, outros Mentores da mesma categoria visitam-nos por Piedade Fraternal.

- Perguntei para Cornélio se não poderíamos, por nossa vez, demandar o Plano de Asclépios, a fim de conhecer-lhe a grandeza e sublimidade? Muitos companheiros nossos, assegurou-nos o Instrutor, por merecimentos naturais no trabalho, alcançam admiráveis prêmios de viagens, não só às Esferas Superiores do Planeta que nos serve de moradia, mas também aos círculos de outros Mundos. Sorriu e acrescentou: Não devemos esquecer, porém, que a maioria efetua semelhantes excursões somente na qualidade de viajores, em processo estimulante do esforço pessoal, à maneira de jovens estudantes de passagem rápida pelos Institutos Técnicos e Administrativos das grandes nações. Raros são ainda os filhos do Planeta em condições de representá-lo dignamente Noutros Orbes e Círculos de Vida correspondentes do nosso Sistema Planetário.

- Não me deixei impressionar e prossegui perguntando: Asclépios, todavia, não mais Reencarnará na Crosta? O Instrutor gesticulou, significativamente, e esclareceu: Poderá Reencarnar em Missão de grande benemerência, se quiser, mas a intervalos de cinco a oito séculos entre as Reencarnações. Oh! Deus, exclamei, como é grandioso semelhante estado de elevação! Constitui sagrado estímulo para todos nós, ajuntou o Mentor atenciosamente.

- Devemos acreditar, interoguei admirado, que seja esse o mais alto grau de desenvolvimento Espiritual no Universo? O Diretor da Casa sorriu, compassivo, em face de minha ingenuidade e considerou: De modo algum. Asclépios relaciona-se entre Abnegados Mentores da Humanidade Terrestre, partilha da soberana elevação da Coletividade a que pertence, mas, efetivamente, é ainda Entidade do nosso Planeta, funcionando, embora, em círculos mais altos de Vida. Compete-nos peregrinar muito tempo, no campo evolutivo, para lhe atingirmos as pegadas; no entanto, acreditamos que o nosso Visitante Sublime suspira por integrar-se no Quadro de Representantes do Nosso Orbe, junto às “Gloriosas Comunidades” que habitam, por exemplo, Júpiter e Saturno. Os Componentes dessas, por sua vez, esperam, ansiosos, o instante de serem convocados às Divinas Assembleias que regem o nosso Sistema Solar. Entre essas últimas, estão os que aguardam, cuidadosos e vigilantes, o minuto em que serão chamados a colaborar com os que sustentam a constelação de Hércules, a cuja família de Constelação pertencemos. Os que orientam nosso grupo de Estrelas aspiram, naturalmente, a formar, um dia, na coroa de Gênios Celestiais que amparam a vida e dirigem-na, no Sistema Galáctico em que nos movimentamos. E sabe meu amigo que a nossa Via Láctea, viveiro e fonte de milhões de Mundos, é somente um detalhe da Criação Divina, uma nesga do Universo!...

As noções de infinito encerraram a reunião encantadora no Santuário da Bênção. Cornélio estendeu-nos a mão, almejando-nos felicidade e paz, e despedimo-nos, sob enorme impressão, entre a saudade e o reconhecimento.

Nota

A Via Láctea não gira em torno da Constelação de Hércules, mas sim em torno do seu centro galáctico. A Constelação de Hércules é importante porque o ápice solar, ou seja, o ponto no céu onde o Sol se move em sua órbita ao redor do Centro Galáctico, está localizado dentro dela, perto da estrela Vega da Constelação vizinha Lira.

No Espiritismo, acredita-se que todas as Estrelas, incluindo nosso Sol, estão em constante movimento, impulsionadas por Leis Cósmicas desconhecidas. Nossa Galáxia, com nosso Sistema Solar, está em movimento para a Constelação de Hércules, percorrendo um longo caminho de séculos.

Anexo III- Pai João de Angola e a Evolução para Outros Orbes Planetários

P31- Quando é permitido a um Espírito, que já tenha um nível correspondente a um padrão de um dado Arquétipo ou mesmo que já seja uma Essência Purificada, que seja transferido para um outro Orbe Planetário (8)?

R31- O Espírito em questão não tem o direito de por si só a ir para este novo Orbe Planetário. Somente em função de alguma necessidade ou Missão neste novo Orbe, e somente após ser consultado e avaliado pelos seus Supervi-

sores é que decidirá se aceitará, ou não, o convite formulado, visando acima de tudo a sua contínua Ascensão Espiritual.

Antes disto porém, deverá cumprir o tempo determinado e realizar as funções correspondentes ao Arquétipo adotado na sua atual Colônia Espiritual. Somente após esta análise dos Créditos obtidos na retaguarda através dos trabalhos desenvolvidos, aí sim é que os seus Supervisores irão apresentar “Novos Projetos Espirituais”, visando sempre a sua própria ascensão.

P32- Pode falar um pouco mais sobre este assunto?

R32- Primeiramente é apresentado o novo Projeto Espiritual. Após analisado e discutido em minúcias, é que o Espírito consultado, decide se o aceita ou não. Nada é imposto pela Espiritualidade Maior.

Geralmente este tipo de convite é feito baseado nos critérios de Amor, Humildade, Tolerância, Paciência e outras Virtudes que este Espírito deve possuir para aquela Missão Específica. Este Espírito ao tomar a decisão de aceitar, ou não, o convite formulado, escuta a sua própria Consciência baseado nos Conceitos de Harmonia do Bem e do Belo que já desenvolveu até esta sua atual fase de Evolução Espiritual.

P33- Existe algum tipo de risco que este Espírito pode ter neste Novo Orbe?

R33- Além do merecimento para executar aquele “Trabalho de Luz”, deve-se considerar também a preparação para a execução deste trabalho através dos vários períodos de “Estudos” e “Aprofundamentos”, de modo que tenha o “Conhecimento Adequado” para desempenhar com sucesso a sua Missão.

C33- Deve-se observar que ao mudar de Orbe Planetário, o Espírito vai ter que receber um novo Períspírito, o qual deve ser compatível com os “Elementos” daquele Novo Orbe.

Bibliografia

[1]- Pontos e Contos- Chico Xavier e Humberto de Campos, FEB, 1958

[2]- Lázaro Redivivo- Chico Xavier e Humberto de Campos, FEB, 1945

[3]- Os Profetas - J.J.Moutinho, FEB, 2009

[4]- Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho - Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1938

[5]- Luz Acima- Humberto de Campos e Chico Xavier, FEB, 1948

[6]- Crônicas de Além-Túmulo- Humberto de Campos e Chico Xavier , FEB, 1937

[7]- Obreiros da Vida Eterna- André Luiz e Chico Xavier , FEB, 1937

[8]- Blog Espiritualista Frade Juníparo- Entrevista com Pai João de Angola- 02.11.2020